

HISTORIA DE UM HOMEM QUE CONQUISTOU A GLORIA DE SER EXU



DA ESSÊNCIA À LUZ

A passos largos, correndo por estradas perigosas, no meio da mata, me escondi dos senhores que tentavam me capturar> Eu um negro que fugi do cativeiro da escravidão de senhores feudais, correndo a uma velocidade assombrosa, vim parar nas terras brasileiras, achando que aqui não iam me achar e que era menos ruim de se viver.

Dormia sobre a luz das estrelas, em cima de arvores para não ser achado, junto a animais silvestres, fugindo daqueles famintos, fiz minha toca, bem escondida das vistas daqueles homens.

Tive que roubar para poder viver. Ia a pequenas aldeias, no calar da noite, pegava tudo que podia, para poder me manter de pé. Fiz algumas feridas na pele, devido a não ter sapatos e ter corrido muito. Isso ocasionava muitas dores, mas eu precisa me manter em pé. Aprendi com a mãe natureza que cada folha tem uma função e traz saúde para quem sabe usar. Comecei a usar ervas nas feridas que estavam abertas, a banhar com agua limpa e foi amenizando as dores, chegando a fechar as feridas.

Comi muitas frutinhas silvestres, experimentei ervas diversas e aprendi que elas tem um poder muito grande para quem consegue olhar e apreciar.

Dentro de mim tinha o ódio de ver tantos negros aprisionados pior que animais, dentro de senzalas úmidas, apanhando e comendo os restos de alimentos, como fossem porcos comendo a grua que sobrava das cozinhas.

Foi uma época de muito sofrimento para nós, que tivemos a infelicidade de nascer com uma cor negra.

Tínhamos a nossa religião, cultuávamos os orixás escondidos daqueles senhores, que se visse que estávamos rindo e dançando, tomavam do chicote e vinham chicotear a todos, pois nem isso poderíamos fazer.

Supliquei ajuda para todos, pedi, roguei, mas não tive resposta. Me revoltei e disse que ia fugir, pois não aguentava mais aquela situação.

Tinha mulher e meu filho estava por nascer, e não queria que ele tivesse a mesma vida que eu. No calar da noite, como uma cobra rastejante, sai da senzala, prometendo a minha mulher que ia busca-la logo.

Não podia deixar meu filho nascer e apanhar como todos ali, por mãos que achavam que somente eles eram filhos de Deus, mas pelo visto eles eram dominados pelo demônio.

Rastejei como cobra, corri como um lobo, cheguei na fronteira com esse país aqui, o Brasil. Era uma mata fechada, cheia de perigos, armadilhas. Meu coração já não suportava mais tanto sofrimento, onde ia achar uma cova para me abrigar e trazer minha mulher e meu filho?

Percebi que isso ficava cada vez mais difícil, pois parecia que não tinha um Deus que ilhava para os escravos e que o mundo estava contra todos nós.

Cansei de tudo, tentei olhar para trás, mas não podia pensar em voltar, pois seria pior. Até hoje não quis saber o que ocorreu com meu filho que nasceu naquele lugar, para não enlouquecer mais.

No meio do caminho encontrei alguns outros negros que fugiram e estavam como zumbis, com aqueles olhos saltados e vermelhos de pavor de imaginar que poderiam ser capturados e mortos das piores formas.

Cheguei dizendo para eles que podíamos roubar a noite para comer, pois passar fome não é bom.

No mato aprendi a fazer macumba, a gente dividia o mesmo buraco e evocava Xangôs para vir se atreve com a gente. Um deles vinha e a gente pedia para dar uma cova naquele senhor que maltratava lá na senzala.

Aprendi tudo sobre macumba para fazer o mal. Usava das artimanhas para roubar e seduzir outros negros, para que juntos conseguíssemos causar uma grande briga e poder matar aqueles que judiavam dos negros.

Cada noite era um que saía e ia roubar alguma coisa na vila para podermos comer.

Não podíamos nos mostrar a ninguém, para proteção de todos.

Um dia montamos uma tocaia para um homem branco que passava na estrada com pães. Ficamos todos escondidos debaixo da ponte e quando esse homem veio, partimos para cima para poder tirar todo o pão que tinha, pois a fome era grande.

Éramos três. Partimos para cima e acabamos matando o homem, porque ele tinha uma faca e queria nos golpear. Pegamos os pães e saímos correndo.

Ficamos todos com medo, pois a gente não tinha matado ninguém dessa forma ainda.

Geraldo era um negro despachado que se atrevia a dizer que estava certo matar os brancos, pois o que faziam eram um serviço mais sujo que podia existir.

Acabamos todos seguindo os conselhos desse negro e a revolta tomou conta de todos nós.

Depois do ocorrido, saímos correndo pelo mato e acabamos nos atocaiando mais para dentro da mata fechada.

Acabamos construindo abrigo com as folhas das bananeiras e alguns galhos de árvores. Acostumamos a viver ali, roubando a noite das aldeias mais próximas. Éramos como cobras que rastejavam, sem sermos percebidos. Começamos com pouco, mas o pouco tomou forma e já estávamos roubando é muito.

Um dia, nosso amigo Tião começou a adoecer. Queimava de febre, não comia e nem bebia nada. Precisávamos fazer alguma coisa. Havia índios que perambulavam pelas matas, mas não mexia com a gente não. Não falavam nossa língua. Deixamos o Tião lá, cobrimos ele com folhas e fomos procurar ajuda. Me lembro de correr muito, pois me afeiçoava aquele Tião, até chegarmos em uma maloca onde os índios moravam. Era fechada e ninguém sabia do paradeiro deles. Eles não gostavam do homem branco não. Fomos lá, chegamos de mansinho, eles vieram para cima, mas nós ficamos quietinhos. Eles levaram a gente para falar como pajé da tribo.

Lá chegando, começamos a gesticular que tinha um amigo nosso morrendo e precisávamos de ajuda. O Pajé que escutava os “deuses”, entendeu e fez uma maçaroca com ervas, cinzas e deu para levarmos a ele.

Partimos em seguida, pois eles não gostavam de outros tipos de pessoas juntos com eles.

Corremos muito, a chuva ia chegar e não tivemos muito tempo para pensar, ela veio muito forte dessa vez. Tentamos nos esconder dela, mas estava difícil, até que cessou e voltamos a correr no meio da lama, agora.

Chegamos na nossa moita e nos deparamos com o Tião quase morto já. Ele mal respirava. Pegamos aquela maçaroca e fizemos ele comer de todo custo. Passado algumas horas, Tião abriu os olhos e pode nos ver.

Fiquei pensando que poder tinha aquilo que demos a ele, pois estava quase morto.

A partir desse dia, não duvidei mais que existia um poder que era depositado nas folhas e que curava, e eu precisava aprender logo, para permanecer vivo naquela mata.

Mastiguei várias ervas que encontrava pelo caminho, aprendia com as aves, pois elas não chegavam perto das perigosas. Era como se eu já conhecesse tudo aquilo. Descobri que elas tinham um poder grande.

Depois da morte daquele homem, e de vários roubos que fazíamos nas aldeias dos homens brancos, a gente começou a fugir, ir mais a fundo na mata, pois haviam homens que vinham procurar por escravos fugitivos. Eles usavam cães para farejar nossos rastros. Quando chovia era um alívio, pois apagava o rastro e o cheiro ia embora. Usávamos uma erva no corpo para tirar nosso cheiro.

Aprendi a usar bem a faca. Era único instrumento que tinha para me defender. Roubei e não larguei mais dela.

Teve uma vez que cai em uma tocaia. Estávamos com muita fome e resolvemos ir a uma vila para roubar. Ficamos olhando de longe até anoitecer. Quando caiu a noite, fomos rastejando pelo mato até chegar na casa de um homem. Tinha pão na mesa. Não tinha ruído de nada, nem de cachorro. Deixei os dois vigiando e entrei devagarzinho na casa para pegar o pão. De repente veio para cima de mim uns três homens, todos com facas e paus nas mãos. Levei uma surra. Foi a primeira com muita violência. Bateram muito nas minhas pernas para quebrar meus ossos. Gritava de dor, quando meus dois amigos vieram me ajudar. Daí foi maior briga onde acabaram enfiando a faca em dois homens. Eles me pegaram e saímos correndo pelo mato.

Corremos a noite inteira. Eu mal conseguia me manter de pé, pois as dores eram muito fortes, mas não desisti de correr. Precisávamos ir para outras bandas, pois agora ficou sério a situação. Se fossemos pegos, iam nos matar. Chegamos em um rio grande, entramos nele com a ajuda de paus e deixamos ele levar a gente para um lugar longe.

As águas nos levou para longe dali. Chegamos as margens, depois de muito tempo, saímos do rio muito cansados e fomos procurar abrigo em um local na mata. Fizemos uma nova cobertura com as folhas, cipós e troncos de árvores mortas que tinham por lá. Não podíamos usar fogo para não chamar a atenção pela fumaça. Caçávamos e comíamos o animal da forma que era. Não tínhamos outra forma, precisávamos comer para nos manter vivos.

O ferimento em minhas pernas foi pesado. Passei muito tempo deitado com madeira e cipó enrolando a perna. Parecia ter quebrado, mas negro é forte e não morreu dessa vez.

Nossas roupas estavam um farrapo só. Aproveitávamos as folhas grandes para nos cobrir e manter aquecidos do frio da noite. Aprendemos a fazer roupas com folhas e cipós amarrando

na cintura. Parecia que nada ia acontecer com a gente, pois ninguém ia descobrir que três negros fugitivos conseguissem sobreviver naquela mata fechada por muito tempo.

Ocorre que negro tem sangue forte, tem a descendência da África e está acostumado a serviços pesados. Isso desenvolve uma defesa muito grande no corpo. Homem branco não sobreviveria um dia naquela condição que passávamos ali.

Melhorei da perna, mas fiquei manco, devido aos ferimentos serem muitos. Voltamos a caminhar pela mata e chegamos a um local onde o cerrado era grande. Um campo grande sem arvores que só podia ser de algum senhor. Ficamos com medo de entrar nele, resolvemos ir abaixados, para ninguém nos ver, a grama era alta. O sol reluzia em nossa pele, o suor era grande. Quando estávamos no meio do cerrado, veio um homem montado em um cavalo. Ele carregava uma espingarda. Ficamos bem abaixados, mas o danado acabou nos vendo e saímos em disparada. Ele veio com o cavalo atrás e começou a atirar, acertou nas costas do amigo Geraldo. Ele caiu e nós continuamos fugindo, até entra na mata e o homem desaparecer. A gente ficou pensando no Geraldo e queríamos ir lá pegar o corpo dele, mas era muito perigoso. Eu resolvi deixar o a noite cair para voltar lá e ver se Geraldo estava vivo.

A noite surgiu e fui de tocaia procurar o Geraldo. Cheguei no cerrado e não vi ninguém, fui me arrastando até chegar onde ele tinha levado o tiro. O homem tinha deixado ele lá, queria que morresse aos poucos, que ficasse agonizando. Peguei o Geraldo e sai daquele lugar. Fomos caminhando até onde o Tião estava. Geraldo estava quase morto já, mas ainda respirava. Ele tinha perdido muito sangue e a bala devia ter se alojado no pulmão, porque ele mal conseguia respirar. Falamos com ele, fizemos tudo que podíamos, mas ele olhou para mim e disse que tudo estava ficando claro, que tinha um monte de gente lá esperando por ele e que ele tinha que ir. Fechou os olhos grandes e amedrontados e se foi. Enterramos Geraldo.

Vida difícil de negro. Queria saber qual era a diferença do homem negro do branco.

Será que esse tal Deus tinha criado negros para sofrer mesmo?

Bom, a situação tinha ficado mais complicada, pois aquele homem iria voltar lá e ver que não tinha corpo, o que podia pegar uns capangas e manda ir atrás de nós. Era preciso voltar a fugir novamente. Tentar despistar todos os rastros para não sermos pegos. A chuva caia, o sol surgia e não paramos nem para descansar. Fugimos um dia e uma noite inteira, até não aguentar mais. Paramos em um arvore que tinha um espaço que dava para dormir. Ali caímos exaustos e ficamos olhando as estrelas por meio das arvores altas. Comecei a pensar nelas, como eram

bonitas. Pensava no Geraldo também. Não me saía da cabeça ele dizer que tinha um monte de gente esperando por ele e que devia ir.

Quem eram? Seriam aqueles santos para quem minha mãe rezava? Será que eles vieram pegar o Geraldo e levar lá para Deus?

Minha mãe era mais velha que as outras mulheres da senzala. Ela era mais respeitada pela idade e a senhora da fazenda gostava da comida que ela fazia. Deixava ela trabalhar na cozinha da casa grande. Me lembro muito que eu entrava lá e ela me colocava para fora, para ninguém me pegar e bater, pois ninguém podia ficar perambulando por lá, somente aqueles que trabalhavam na casa.

Minha mãe me ensinou a rezar, pois isso ela sempre fazia para todos na senzala. Ela dizia que todo negro tinha que reza para entrar no céu. Falava dos santos, de Jesus e da mãe dele. A gente gostava das histórias dela. Depois de um tempo, ela ficou muito doente e morreu. Fiquei muito triste, chorava muito, mas eu sabia que ela tinha entrado no céu.

Minha mãe foi uma rainha na minha vida. Hoje ela vem me visitar, de vez em quando, porque ela não gosta de inferno não, mas ela ama esse filho dela aqui.

Quero fazer um parênteses na minha história e explicar algumas coisas sobre o que é EXU e seu “inferno”.

Dentro de uma linha religiosa, existem as categorias ou nível de cada espírito que atua. Na minha linhagem, existem classificações de tipos de exus e dos outros que trabalham, como no caso do boiadeiro, que se classifica como outro tipo de espírito, dentro da linhagem dele. Juntos somamos forças para atuação.

Os exus conquistaram essa característica devido a densidade que aprenderam a andar quando vivos na terra. Não se vira exu com apenas uma vida na terra, mas se vira exu devido a várias vidas que aprendemos a trabalhar com energias densas.

O exu é mal entendido devido a usar uma expressão como se fosse uma força diabólica, mas na verdade, usamos essa forma para dizer que trabalhamos com o lixo que o ser humano pratica com os pensamentos que tem.

Existe um lugar desse lado aqui que chamamos de “inferno”, que os exus trazem todas os pedidos dos humanos, as carniças que eles produzem e que necessitam de coisas densas para poder transformar essas energias que são extremamente pesadas.

Sem perceberem, os desejos que os homens produzem, já fazem acontecer. O pedido é fortalecido quando usados com uma reza e oferendas dadas na intensão que se tem.

Vivemos na podridão do pensamento humano, distribuindo as energias, conforme os pedidos que fazem. Não podemos deixar as energias paradas em locais inapropriado, pois seria um verdadeiro caos. Viraria uma guerra, pois o homem ainda tem muitos desejos maus intencionados.

As energias das oferendas são usadas para os desejos que o ser humano tem. Existem vários exus que fazem qualquer tipo de desejo. São aqueles que estão iniciando na categoria, aprendendo com tarefas de bem e mal para satisfazerem o desejo do ser humano. Eles perturbam mais que ajudam, mas são forças que estão crescendo dentro da categoria "EXU".

Voltando ao local que chamados de inferno, trazemos para cá os pedidos e são distribuídos e queimados com a força que cada vela tem. O vermelho e preto são as cores que trabalhamos, pois simbolizam o lado denso do ser humano, o lado que necessita ser trabalhado com muita força. A vela abre o portal da dimensão a ser trabalhada. O exu trabalha o mundo da escuridão, absorvemos a carniça e levando embora.

O preto é a lado que devemos purificar com a força que carrega o vermelho. Embora seja nossas cores, trabalhamos com outras também. Abrimos portais com a chama da vela, cada cor tem um significado, sempre usado para abrir portais, carregar o que ali existe para outro local. Aprendemos a pular as dimensões deste lado denso, para facilitar o trabalho da limpeza da terra.

Para mim, quando negro estive na da terra, cavando buracos para me esconder, aprendi muito sobre as dimensões, pois na verdade, passava despercebido aos olhos do homem branco.

Tudo que aprendemos serve para algo na vida e tem seu significado.

Voltando a falar das velas, quando acessas tem que ter em mente o que deseja, pois ela abre um portal dimensional o qual as entidades irão trabalhar.

Quando oferecidas um copo de bebida, as energias ainda ficam maiores, pois o portal aberto da consciência faz enxergar outro nível que está ali e precisa ser absorvido. Tudo isso é levado a dimensão que chamamos de inferno para desfazer o que existia naquele lugar. Energias que estavam grudadas no passado, causando vários problemas no presente são retiradas para dar condição para que o homem consiga melhorar e seguir seu caminho.

Ser EXU 7 facadas não quer dizer que sou melhor do que ninguém, mas é porque eu conquistei essa simbologia pelo fato de ser EXU a muito tempo. Passei por vários caminhos, aprendendo a

vestir a roupa de EXU, fazer a limpeza da imundice do homem, assim como o escravo da senzala limpava com os detritos do homem branco.

O EXU 7 facadas é uma força conquistada pela atuação na natureza e que segue servindo com garra, impondo respeito nesta linhagem, se curvando aos orixás, mas se impondo aqueles que fazem bagunça. Respeitamos e queremos respeito, pois não brincamos nas tarefas da ordem. Gostamos de linguajar simples e humilde, pois controlamos os portais do inferno, cujos detritos aprendemos a transformar, devido a necessidade que se faz.

É bonitinho andar pelo gramado verdinho, pisar na grama, ver as florezinhas, mas é preciso cuidar das forças que não tem luz, e para isso exu precisa das oferendas que tem a energia necessária para fazer os trabalhos.

Quando alguém pedi algo para exu e não cumpre o que exu pede, ele acaba mexendo com forças que exu depositou no trabalho e acabam sofrendo as consequências. Não é exu que deseja o mal, mas são as forças que voltam de outra forma, pois não foi feito o trabalho até o final. Por isso, é bom saber o que vai pedir e qual a intensão que se coloca no pedido.

.....

Depois de descansar, saímos daquele lugar que o céu nos acolhia para caminhar novamente para longe.

Riscávamos nosso rastro com folhas amarradas aos pés, assim nem os danados dos cachorros poderiam sentir o cheiro.

A mata estava cada vez mais fechada. Tinha animais rasteiros para todo lado. Parecia que os animais não queriam nos morder. Estávamos famintos, precisávamos caçar algo para não morreremos de fome.

Resolvemos armar uma tocaia para pegar alguma presa. A única coisa que eu tinha era a minha faca. Ficamos escondidos, sem fazer barulho para tentar pegar algo.

Subi em uma árvore para quando avistasse algo se mexendo, pular para atocaiar.

Veio um animal não muito grande, uma espécie de porco do mato. Quando ele estava bem debaixo da árvore, pulei em cima dele e golpeei. Eu era bom nisso, acertava de primeira.

Limpamos o animal e comemos do mesmo jeito que caçamos, pois não podia acender fogo para não chamar a atenção.

O Tião era um bom homem, me afeiçoei a ele. Ele queria ser livre, viver em paz longe dos sofrimentos. Coitado dele, mal sabia que paz para negro não existia.

Depois de encher a pança, voltamos a andar. Não sabíamos a direção que estávamos, mas sabia que ia dar em algum lugar.

Muito tempo depois nos deparamos com um som de água corrente. Fomos, devagar, seguindo o som até avistar. Era um rio com uma cachoeira. Olhamos e não avistamos ninguém. Fomos lá e tomamos um banho, afinal ficar limpo é bom.

Talvez esse rio fosse o mesmo que a gente tinha entrado para fugir daquela vez.

A gente aprendeu a se direcionar pelo céu, pela posição das estrelas.

Resolvemos ficar ali por um tempo. Fizemos uma cabana com folhas para nos abrigar.

Era mais fácil ficar ali, perto do rio, assim podíamos caçar peixes.

Em uma manhã de sol, ouvimos uns latidos bem longe. Era hora de dar no pé. Destruímos nossa cabana, apagamos os rastros e fomos embora, dessa vez seguindo o rio.

Caminhamos nas margens do rio. Chegamos em um lugar onde tinha muita areia. Era difícil de não deixar marcas. Fomos bem perto das margens para as águas apagar os rastros.

Chegamos no topo de uma ribanceira e precisávamos descer. Falei tanto pro Tião ter cuidado, mas ele era muito mole, deslizou e acabou caindo, morrendo lá embaixo. Bom, pelo menos ele teve uma morte melhor que a minha, hahaha...

Tião, morreu. Fui atrás do corpo dele e enterrei. Fiquei triste, pois eu gostava daquele negro, mas não podia ficar ali zanzando não. Podia ser pego e ia sofrer o pão que o diabo amassou.

Continuei caminhar nas beiradas das águas do rio. Ia no meio dos matos que tinha nas margens, sempre olhando para todos os lados, com medo de ser pego.

Cheguei no fim do morro e lá embaixo tinha uma vila. Nossa, quanto tempo que eu não via uma vila. Estava faminto e cansado de comer frutas do mato e insetos. Resolvi aguardar o sol se pôr para ir lá roubar alguma coisa. Eu me afeiçoei tanto em roubar, que não escolhia as coisas. Eu pegava qualquer pertence, pois na minha cabeça, achava que ia conseguir comprar minha liberdade.

Ocorre que isso não existia. Se eu aparecesse na fazenda que eu trabalhava com dinheiro, eles me matariam e ficariam com tudo, mas eu achava que alguma alma boa podia me dar a alforria.

O sol se foi e eu comecei a descer. Fui bem devagarinho e cheguei na vila. Tinha um monte de maloca aberta com comida. Entrei com minha faca, roubei algumas coisas e sai correndo. Ninguém me viu. Resolvi ficar perto dessa vila, pois era fácil pegar as coisas.

Cada dia ia numa maloca. Entrada de fininho, o povo era lerdo, ninguém me via. Eu era um sorrateiro mesmo.

Muitas vezes eu tocaiava em cima das árvores. Aquelas que tem muitas folhas juntas e que é difícil de enxergar.

Eles achavam que era algum animal que estava entrando e comendo. Jamais iam imaginar que era esse negro aqui.

Minha habilidade com a faca crescia a cada dia. Me habituei a viver sozinho. Fiz uma choupana escondida no meio da mata fechada. Roubava das vilas coisas que precisavam e montei um pequeno esconderijo. Tomava muito cuidado para não ser descoberto, pois se assim o fosse, estaria perdido. Ficou um abrigo perfeito para mim. Com o tempo comecei a cavar valas e deixar tapadas como armadilhas e esconderijo para mim, caso precisasse. Fiz várias pelas redondezas e achava que estava bem seguro.

Um belo de um dia, acordei com vontade de sair e comer alguma coisa da vila. Andei por horas, cheguei e parecia não ter ninguém. Fui bem devagar, mas dessa vez quem acabou caindo em um armadilha fui eu. Enfim, me pegaram. Fui amarrados, os pés juntos com as mãos. Me xingavam de todos os nomes e me batiam muito, senti meus pés quebrarem, minhas mãos entortarem, meu rosto arrancaram um pedaço. Fiquei sem poder me defender.

Nem preciso dizer que morri ali, de tanto apanhar. Mas foi preciso bater muito para isso ocorrer. Amarrado, pendurado e quebrado. Nem um animal merecia apanhar desse jeito, mas terminei meu caminho dessa forma, assim como muitos outros escravos que sorrateavam por ali.

E AGORA, PARA ONDE VOU?

Fiquei muito tempo ali, amarrado, mesmo não pertencendo ao mundo dos vivos.

Até eu perceber que podia siar daquele lugar, demorou um bocado. Precisou vir uma mulher vestida de amarelo, muito cautelosa, respeitosa, parecia um anjo de tanto brilhar para me dar a mão. Disse para ela ir embora, se não iam matá-la também, mas ela sorria para mim, tampando o rosto, as vezes, com um tecido muito claro, mas dá mesmo cor do vestido.

Bom, sentia tantas dores, que nem pensar em me vingar eu conseguia. Ela tocou as mãos nas minhas feridas e eu as vi fechando, como magia. O que ela fazia, era de espantar. Como isso ocorreu, eu não sabia dizer, mas o certo era que eu não tinha mais dores.

Ela me deu suas mãos e eu levantei, fiquei muito tonto, mas estava paralisado por não sentir nada.

Ela me chamou pelo meu nome, dizendo que o Orixá tinha enviado ela para me tirar daquele lugar. Perguntou se eu queria segui-la. Lógico que eu disse que sim, mas disse que tinha muito medo de ser pego novamente. Ela disse que não era mais preciso temer, pois isso não iria mais ocorrer comigo.

Nossa, era ela uma deusa, seus pés não tocavam no chão. O que estava ocorrendo comigo, pois me sentia flutuar, também, como se estivesse mergulhado em um sonho permanente.

Após algum tempo, que eu não sei dizer ao certo, surgiu um local diferente, não era mais uma mata fechada e sim aberta. Essa moça me deixou lá, pediu para eu sentar e observar a minha volta. Eu via que tinha palhas ao chão e no teto também. Tinha pessoas com rupas coloridas que levavam jarras nos ombros. Tinha crianças correndo, parecia ser um lugar bem alegre. Fazia-me a pergunta do porquê eu não tinha encontrado aquele lugar ante, mas tudo bem, o importante agora era que eu estava ali, longe do perigo das matas.

Depois de um tempo veio um homem velho, com barba meio grisalha, um rosto enrugado, cabelos grandes, meio esvoaçados. Parecia um índio, mas acho que não era não.

Ele veio falar comigo. Fiquei com medo de apanhar, mas ele não era branco não. Tinha uma cor meio queimada do sol.

Ele começou a desenhar no chão. Fez um desenhos estranhos que eu olhava e parecia ser igual a uma cova e jogava terra por cima. Quando ele jogou a terra eu vi a minha morte, como um passo de mágica. Fiquei com medo, mas eu não conseguia correr para canto nenhum, simplesmente não saía do lugar. Começou a passar um filme na minha cabeça, desde criança, minha mãe, os negros de lá daquele lugar, os açoites que levávamos, os esconderijos, a minha fuga, tudo que fiz até chegar ali onde estava.

Olhei para ele e perguntei:

- Então eu morri?

- A morte é isso?

- Estou no céu?

Ele me olhava, somente sorrindo, sem dar uma palavra.

Desenhou novamente, agora uns traços diferentes, como se fosse um ponto no centro com várias linhas que saiam dele. Olhei para esse desenho e percebi que ele começou a voar, ficou suspenso no ar, brilhada muito no centro, mas as pontas eram como se fosse espinhos. Começava ali a minha lição de como ser um servidor que guardava a luz no meio da escuridão.

Ele iniciou umas palavras em uma língua diferente, eu não entendia a língua, mas o sentido parecia ser familiar. Era uma reza. Começou a brotar seres pequenos que vinham atendê-lo. Ele pediu que trouxessem algumas ervas. Ele abriu um buraco no chão, colocou as ervas, cuspiu saliva, macerou, usou fumaça tirou de lá, colocou em uma cumbuca, pediu para eu tomar. Eu obedeci e algo fascinante ocorreu. Comecei a ver tudo, as honras, oferendas, os rituais, as velas e seus significados, os pedidos, muitos seres que trabalhavam.

Esse senhor me disse que iria começar a traçar meu novo caminho, pois tinha aprendido tudo nesta minha vida de escravo. Tinha desenvolvido muita força, esperteza, sabia lidar com seres que queriam me pegar, tinha ficado forte de tanto apanhar e aprendi a valorizar a minha vida, pois queria minha liberdade a qualquer custo. Toda essa esperteza iria me servir agora para um novo caminho que iria aprender.

Tudo aquilo que eu conquistasse fora, os pedidos dos desesperados, serviria para a luz do centro aumentar e os gravetos de fora se fortalecerem cada vez mais no trabalho da escuridão.

Entendi que aquele símbolo iria me acompanhar por toda a minha vida. Seria o meu símbolo de realizações.

Ele fez o mesmo desenho em um pedaço de couro de um animal e pendurou na parede com um espaço que não entendi para o que era, mas que logo percebi que era para apontar as minhas tarefas e realizações.

Se conseguisse passar nas provas, cada traço se iluminaria, e um ponto a mais eu ganharia.

Em seguida ele se levantou e se foi. Logo surgiram outros homens grandes e musculosos que pediram para que eu os acompanhassem.

Sai da sala e me deparei com um terreno grande, onde eram feitos alguns treinamentos, usando rituais. Pediram para que eu me sentasse e ouvisse tudo. Eles tinham uma bacia com sangue. Confesso que não entendi muito bem, me deu um pouco de receio, mas que passou com o decorrer do tempo. A bacia foi colocada no chão, o sangue estava lá dentro, bem escuro. Em

seguida, o ensinador começou a falar umas palavras e aquele sangue começou a subir, sem uma explicação. Parecia mágica, ele ficou no ar, como se estivesse caindo da bacia em sentido contrário. No meio do sangue surgiu um rosto de uma pessoa muito doente que estava em algum lugar, sem condições de cura. Parecia que no pescoço da pessoa estava uma linha amarrada, sufocando-a. O ensinador, com sua mão, puxou de dentro do sangue a linha, desfazendo o sufocamento do doente, que ficou bom de imediato.

Aprendi que sangue significa vida e que pode ser utilizado para devolver a vida de alguém que passa por uma enfermidade causada por uma força que quer destruir.

O ensinador pediu para que todos nós, procurássemos por pessoas doentes, onde qualquer tipo de remédio não ajudava a curar, para que pudéssemos proceder desta forma para aprender a fazer.

Fui à caça de alguém doente, com um instrutor ao lado, no mundo dos vivos. Não foi difícil de achar, pois os brancos adoeciam muito.

Chegamos em uma casa onde tinha um senhor deitado na cama com muita gente ao redor dele. Estavam chorando pela situação do pai.

O instrutor pediu para que olhasse para o moribundo. Na região do umbigo tinha um acúmulo muito grande de pus, estava fedendo muito. Olhei por dentro e vi que parecia ter um animal morto dentro dele. Uma espécie de pássaro preto ou corvo que estava apodrecendo.

O instrutor me disse que eu deveria caçar um animal para fazer o trabalho, mas que a carne do animal deveria ser comida por um humano, pois não poderia apodrecer na natureza.

Bom, saímos a procura de algum animal que poderia ser comido por alguém que estivesse com fome. Chegamos em uma aldeia de índios, o que tinha bastante por aquelas bandas. Tinha muitos macacos por ali, perto da aldeia. Esperamos um índio sair para caçar e fomos atrás dele. Atraímos ele para ir direto ao lugar onde tinha os macacos. Ele avistou e lançou sua lança. A lança iria errar o alvo, mas demos um jeito de atingir em cheio a caça. Logo já recolhemos toda a parte do plasma do animal e levamos de volta ao nosso local de aprendizado.

Já tinha uma bacia com meu símbolo impressa na frente. Coloquei tudo dentro dela. O ensinador tocou minha testa, dando um tapinha, abrindo o chacra que me fez ver as palavras que tinha que falar. Fiz a leitura delas no ar e o sangue começou a subir. O rosto do homem surgiu no meio dele e todo o corpo dele depois. Vi o corvo da barriga podre. Coloquei minha mão, com respeito e retirei de lá a ave. Em seguida foi pedido para eu coloca em uma outra bacia de barro para

colocar fogo. Me deram algumas ervas para ascender no fogo do recipiente. Juntei, ascendi e aquele pássaro que estava podre, se desamarrou dos fios que nem eu tinha percebido que existiam, saindo voando, livre.

Minha primeira lição tinha sido executada e o primeiro graveto do meu símbolo se iluminada em uma cor dourada.

Fui chamado para ver um ritual da dança.

Fiquei na parte de fora do barracão, vendo o que ocorria no meio do terreiro. Vários seres dançavam de forma, batendo os pés no chão. Cada batida criava um ponto, era dois para um lado e dois para o outro, depois aumentava para três, depois giravam entre eles. Notei que subia uma forma de energia parecida com fumaça do pés de cada um que ali dançavam. Com um pouco de tempo, todo aquele lugar estava totalmente nebuloso. Eles começavam a procurar no meio daquela nebulosidade, criaturas que apareciam. Pegavam todas e enjaulavam em pequenas caixas com eletricidade para não fugirem. Eram pequenas serpentes que surgiam do solo, obedecendo o ritmo da dança dos pés.

Elas estavam presas naquele lugar, servindo de escravas para servir de sustentáculo para um manipulador encarnado. Esse encarnado trazia veneno na fala escondido. Falava bonito, usava palavras certinhas, mas jogava veneno em todos que ouviam ele, acabando hipnotizar todos para segui-lo, achando que era bonzinho.

Quando um trabalho desses é cortado, devolve para a natureza essas criaturas pela água corrente. Levamos todas as pequenas jaulas, com cuidado, e soltamos uma a uma na água corrente, que era para tirar o efeito que elas estavam.

O homem ruim, quando se sentiu sem o poder delas, começou a sofrer do veneno que tem dentro dele mesmo. Ele foi consumido, aos poucos, pela sensação de estar envenenado. Apodreceu a língua, a garganta, o estomago e teve uma morte muito feia.

.....

Era hora agora de entrar novamente na mata e provar de todas as ervas que tinham ali para saber usar.

Já estava com uma aparência forte, ao ponto de sair sozinho por aquelas bandas. Peguei várias ervas que conhecia, colocava na sacola. Cada uma delas tinha um cheiro específico e que indicava para qual uso era destinada.

Na hora que cheirava, abria a força mental e já aparecia a serventia dela.

Eu trouxe o máximo que consegui carregar.

Chegando no terreiro, despejei sobre uma mesa e fui separando cada uma delas.

Foi pedido para agrupar montes de três ervas diferentes. Essa mistura gerava uma energia muito forte, destinada a banhos, curas, limpeza, etc.

Cada uma delas tinha a sua energia, mas quando se misturava a outras, acabava gerando uma outra força com outro destino.

Ervas misturadas, vinculavam essências para respectivo trabalho a ser feito. A quantidade que se usa de cada uma também tem um significado, pois para ter um resultado maior, necessário de uma quantidade específica.

Aprendemos que a natureza fala por cada folha e que a magia está descrita na manipulação que cada força se estabelece nelas.

Pegamos uma porção de três ervas de cada e fomos queimar dentro de um buraco, no chão do terreiro. Observamos que o cheiro e misturava, formava uma fumaça que entrelaçava as energias, que, ao aspirar, vinha direto para a mente, abrindo a visão.

Cruzando algumas ervas, sempre em números específicos, manipulavam a energia para ser usadas como banhos. Quando as ervas em efusão tocam um corpo, elas levam a força que cada uma tem, agindo no corpo astral, limpando-o das impurezas que existem ali.

Como uma vassoura que varre e leva a sujeira de dentro da casa, algumas ervas misturadas, vem carregadas de energias que servem como um catalizador de energias impuras, que quando passadas nos cantos, captam a impureza.

A natureza é sábia, com um poder muito grande que existe nela.

Buscamos nessas forças sempre um aprendizado. Os orixás são os responsáveis máximos e sabem tudo sobre ela. Eles administram uma força muito poderosa que vem da natureza. Suas vestes são semelhantes a face da natureza, pois dessa maneira são identificados como verdadeiros mentores que protegem e ensinam.

.....

Fomos para um lugar onde haviam morros. Comecei a subir, terreno com muitas ondas e buracos. Caminhei até chegar em uma igreja pequena. O lugar estava repleto de pessoas. Estamos em quatro e pedi para cada um ficar em uma ponta e observar.

Depois que terminou a cerimonia, todos foram embora e o padre voltou para dentro da igreja.

Entrei com ele. O padre seguiu para uma porta que dava em uma escadaria. Desci juntinho a ele. Na região de baixo da igreja havia um grupo de pessoas presas. Amarradas a um pau. Percebi que o padre tirava sangue delas, misturava com o sangue de um animal e injetava nele. Ele desejava se tornar um vampiro, sem perceber que já era um. As pessoas estavam quase mortas, cedendo seu sangue para aquele ser imundo.

Sangue é vida, mas tudo deve ser feito sem prejudicar e não para alimentar o seu prazer.

Havia ali muitos espíritos que bebiam sangue ao lado desse padre. Chamei a todos os outros, deixando um na guarda da entrada. Iriamos fazer algo para acabar com a hipocrisia desse padre.

Levantei uma lança e deixei-me ver pelos olhos daquele ser. Ele veio ao meu encontro achando que tinha conseguido o que queria, pois minha aparência era algo fora do que ele conhecia.

Foi quando usei da força, batendo no peito dele, onde caiu, bateu a cabeça e morreu.

Mais uma alma para alimentar as regiões densas.

Muitos espíritos vestem pele de cordeirinho, mas não passam de diabólicos infernais, querendo se qualificar como bonzinhos.

É para isso que um Exu existe, para tirar a máscara da desses carniceiros que se fazem de bonzinhos.

Pegamos esse espírito e levamos para cumprir o pedido feito por alguém que desejava ver a família de volta.

Arrastamos pela mata, muitas folhas secas, chegamos a um portal guardado por um orixá. Ele analisou e abriu o portal. Adentramos e entregamos a um calabouço de almas sedosas por sangue. Eram penduradas pelas mãos, sentindo seu sangue se esvair do corpo.

Saímos da cova, voltando pelo mesmo portal aberto.

....

Estávamos caminhando perto de uma ribanceira, chegamos no local indicado. Havia um corpo jogado no final do morro com vários chupadores de sangue ao lado. Chegamos perto, espantamos os vampiros e fomos olhar o corpo. Dentro do corpo havia uma espécie de magia muito forte, que não e acabava em uma vida.

Seguimos o rastro deixado pela energia da morte, o cheiro é inconfundível, e chegamos ao local. Era uma espécie de fumaça onde o espírito estava sendo queimado aos poucos.

O corpo de carne estava apodrecendo no meio dos vampiros salteadores, a magia estava dentro do corpo, mas dilacerava o espírito, aos poucos.

O espírito estava inconsciente de tanta dor, os olhos jorravam sangue e nós estávamos ali para tira-lo daquela condição, uma vez que recebemos tal pedido.

Me armei de correntes largas e compridas, que davam choque onde tocava. Apareci gritando, exibindo minha fúria. Eles vieram para cima de mim, eram quatro o total.

Os demais exus, pedi que ficassem de guarda, impedindo q entrada de outros.

Lancei a corrente e acorrentei um a um, eletrocutando-os. Enjaulamos todos, pegamos o moribundo e saímos do local.

Esse espírito era um exu que tinha acabado de morrer, levando a magia por ser odiado no mundo dos vivos e, conseqüentemente, no mundo dos mortos também.

Em vida ele era praticante da magia negra, usando como arma para afetar a muitos que se colocavam em seu caminho.

Foi pedido para libertarmos e levarmos para o terreiro de recuperação, onde seria educado conforme as normas do local e iniciaria uma longa caminhada no campo da ajuda com a parte da magia.

Após a sua recuperação, voltamos no local onde seu corpo estava enterrado, retiramos a carga da magia que estava ali e levamos ao terreiro. Ela foi passada na mão do orixá mestre. Ele conduziu o embrulho ao meio do terreiro, fez um círculo no chão, marcou com saliva. Começou a desamarrar o embrulho. O odor ficava cada vez mais forte que nauseava. Quando terminou de abrir o embrulho, notamos uma massa negra ativa que estava em círculo, como se estivesse ligada ao corpo do exu que estava enterrado e a parte astral do mesmo, aguardando para envolve-lo e tirar toda a sua força.

O orixá mestre evocou algumas palavras, manipulando um energia no ar que neutralizou a outra, tirando todo o seu poder. Logo após, ele chamou um ere e pediu para que leva-se para as águas correntes do rio, onde seria dissipada.

Mexer no passado de algum lugar, sempre traz situações que geram fatos que marcam uma história.

Uma região que abrigou a dor da escravidão, que trouxe as marcas dos açoites sempre geram uma tristeza que faz o ambiente propicio para abrigar seres que se alimentam das formas pensamentos da situação, fazendo do lugar o ambiente para servir de prisão para seres sedentos do ódio, amargura, raiva que infestam a região como se fossem verdadeiros vespeiros que atacam com ferroadas qualquer um que ali quisesse se abrigar.

Necessário mudar o ambiente para poder servir de abrigo. E foi nesta intenção que aceitei o trabalho, pois seria a libertação de muitos irmãos meus que sofreram as marcas do martírio feito pelos homens sem uma crença, que açoitaram muitas vidas, obrigando o trabalho duro de construir passagem, carregar plantações inteiras para o comércio dos grãos, visando o lucro sobre um trabalho escravo, sem ter a mínima compaixão por todos os escravos que sofriam, morriam quando demonstravam fracos, sem piedade alguma.

Uma região de muitos choros, que aproveitando a marca da escravidão passada, servia de martírio de almas, onde mulheres e crianças eram levadas como prisioneiras para servirem a um general que ali comandava, como se ainda estivesse vivendo uma época remota, longe de qualquer sentimento de amor.

Somente um trabalho por mãos que sabem o que é sofrer poderia libertar o local.

Foi assim que iniciamos, com muito cuidado, todo o trabalho. Usamos magia inversa para tirar a força, usamos a essência de vários componentes para transformar em fogo que liberta e limpa, usamos a força da vela para selar a passagem de seres que martirizavam aquele lugar. Usamos a palavra que neutraliza, usamos a força que vem do ódio vivido para poder amarrar aqueles que ali estavam fazendo um cenário de horror para muitos.

Enfim, ficou limpo, pronto para servir de um lar para um trabalho de luz e amor.

Muitos que percorrem pela terra não entendem nada desse trabalho, acabando por ignorar, achar que é um trabalho voltado para o mau.

Ser EXU é realmente morar no inferno, andar por regiões sombrias, catando almas que perturbam, fazem o mal, levando para onde elas precisam estar.

A região das velas acesas é onde cada ser deposita o seu pedido, o seu desejo e servem como uma oportunidade para trabalharmos pela ordem, pois nos fortalecem cada vez mais. Um EXU

tem a necessidade de trabalhar, não pode parar, pois isso lhe deixa cada vez mais forte para poder sustentar o tamanho da carga que vem para ele.

Bom, ocorre que as vezes, a sustentação que deve ser feita pelos encarnados não é suficiente, e acabamos enfraquecendo. Um só pensamento contrário, contribuiu para abrir uma porta onde outros não souberam agradecer. Fui pego por avoadores que estavam escondidos nas árvores. Me levaram, prendendo meus braços, pernas e pescoço. Fiquei muito enfurecido. Fui marcado pelas facas de fogo, abriram meu peito, meus braços, minhas costas, minhas pernas. Fiquei totalmente vulnerável. Me enjaularam e parecia que se passaram cem anos. Eles me queimavam com pontas de ferro em brasa. Minha mente estava totalmente fora de si. Perdi a conexão com o mundo dos encarnados, principalmente com meu molambo. Parecia que ia morrer novamente. Comecei a pedir ajuda.

Estava muito enfurecido, meus olhos jorravam fogo. Foi quando comecei a sentir algo diferente. Me esforcei e vi as velas, a luz delas, meu molambo, consegui ver meus amigos exus que estavam caminhando na estrada. Fiz tudo para arrombar a jaula, não conseguia, ela pegava fogo, dava choque para eu não conseguia escapar. Um lugar imundo, com espécies imundas que diziam que iam acabar com todo trabalho que fiz.

Via meu molambo se martirizando, chorando, sem entender nada. Consegui gritar por socorro, chegou a ele a realidade do que tinha ocorrido.

Os Exus estavam na estrada, eu conseguia vê-los, me acharam no meio do vespeiro. Neutralizaram o local, foram até a jaula, mas era muito difícil de abri-la. Tinham que arrombar de qualquer jeito e rápido. Enfim, conseguiram. Me tiraram da jaula e me carregaram para o local de recuperação.

Hoje consigo enxergar melhor. Os espíritos que usam branquinho chegaram quando tudo tinha ocorrido, mas eles fizeram algo, tenho que reconhecer. Eles mostraram o caminho para meus amigos seguirem e me acharem e fizeram eu enxergar a luz de cada um dos meus amigos para me guiar.

A dimensão que eu estava impossibilitada meu resgate, mas quando eu consegui enxergar a luz de cada um dos meus amigos encarnados, fez com que abrisse o portal para que os meus amigos EXUS me achassem.

CONCLUSÃO

A LUZ QUE EXISTE DENTRO DE UM EXU

A honra e a glória de um homem não se mede pela sua aparência.

Não, nunca, jamais!

Para quem não conhece, existem uma escala evolutiva em todas as linhas de vida. Não seria diferente para a linhagem “EXU”. Vamos tentar ao máximo descrever sobre essa linhagem.

Um espírito que leva em si a esperteza e a superioridade sobre aqueles espíritos zombeteiros, sorrateiros, pilantras, golpistas, farsistas, etc. Trabalha na linha de esquerda e direita, perto da energia do homem e dos anjos. Quando perto dos homens está, fala a mesma língua deles para absorver todas as impurezas que eles arrastam em suas áureas. Perto dos anjos, apenas sentem a própria luz que existem dentro deles.

Mãos habilidosas, que mexem nas carniças, que usam a energia propícia do planeta em questão, se vestem de uma vestimenta rude para impor a força sobre esses outros que tentam desarmonizar os lugares.

Andar na sombra são para aqueles que se adaptam na sombra, que não existe o medo e sim o respeito sobre os demais que ali transitam.

Criaturas dignas de muito respeito, por apagar a sua luz e viver na escuridão do que chamamos de “inferno”, criado pela própria ignorância do homem.

Usam da magia, da energia bem próxima da matéria do planeta, pois é com essa força que cada objeto emite e com o objetivo depositado nele que conseguem atuar no mesmo padrão energético de cada situação.

Eles se classificam nesta linhagem, pois aprenderam a direcionar a dor que sofreram na época da escravidão, usando a força que cada escravo desenvolveu em seus músculos carnal, a raiva reprimida, a perda de seus amores, o trabalho árduo, a cantoria que os deixava felizes por alguns momentos, suportar a dor da violência sofrida em seu corpo por repressão, amarrados, pisoteados, massacrados, violentados, etc., para se tornarem na criatura que é hoje, um “EXU”, com todas essas características dentro dele, utilizando para transformar as trevas, manipular as energias que ali existem, limpando as sujeiras do homem que não sabe pensar.

Podemos dizer que eles são os resultados de um acúmulo de vidas onde a resistência foi desenvolvida como um potencial muito grande.

Hoje trabalham para tirar o homem da escravidão que eles mesmo se colocam, ensinando-os a serem capazes, a falar a verdade, a não se esconderem, a assumir todas as situações, a serem fortes.

.....

“Caminhando ao lado de um “EXU”, um dia vislumbrei a sua luz, a sua verdadeira identidade. Pude notar ele se despindo da roupa que utiliza para catalisar as carniças e ver um ser totalmente iluminado, andando em uma planície gramada, cheia de paz. Não pude conter minhas lágrimas, pois são criaturas que escolhem utilizar tudo o que aprenderem dentro da dor para trabalhar pelo bem dos homens que ainda o maldizem, por não entende-los.

Será que já existiu alguém que pisou aqui neste planeta, apagando a sua luz, ensinando o amor as criaturas e morreu na cruz, como um ladrão?

Será que podemos comparar as situações desses seres que trabalham nas trevas, apagando a sua luz em nome de um Deus maior?

Creio que sim.

Para mim são verdadeiros soldados do Senhor.”

Vera Lucia Stefano

EDUCANDÁRIO DA LUZ E SAUDE

www.educandariodaluzesaude.com

